

PESADELO EM PARIS

Marcelo Abreu
Da equipe do **Correio**

Do barraco de dois cômodos de terra batida a Paris. Era demais para o menino pobre de São Sebastião. Avião, só via um quando sobrevoava o céu poeirento da cidade. Europa era um continente demasiado distante para alguém que o máximo aonde chegou foi ao interior da Bahia. Paris, um ponto imaginário no mapa. A bela imagem na televisão onde havia uma torre bem grande. Mais nenhuma referência. O resto era fruto da imaginação.

O filho do pedreiro José e da dona-de-casa Isabel foi adiante. E não houve milagre. Foram necessárias apenas 24 linhas, três parágrafos e pouco mais de 130 palavras. Estava pronto o passaporte para a "Ilha da Fantasia". Igualzinho o seriado da televisão, onde os personagens realizavam todos os sonhos.

Joseni Costa das Neves, de 11 anos, embarcou para a França. Ele foi o primeiro colocado do Distrito Federal no concurso de redação *A Escola que a gente quer*, promovido pela Walt Disney Company e o Fundo das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e Cultura (Unesco).

Durante cinco dias — de nove a 13 de junho — Joseni e mais 600 estudantes de 39 países estiveram na França, reunidos para o Encontro Mundial de Crianças. O aluno da 3ª série do Caic de São Sebastião estava num mundo completamente diferente.

Tão diferente que passou mal. Acabou hospitalizado por conta da "estranya" comida. "Eram uns pratos que nem sei explicar", conta o menino que se acostumou a ter apenas arroz, feijão e, "quando Deus provê", um pedaço de carne à mesa.

Joseni viveu um sonho. As fotos e o passaporte confirmarão isso para sempre. Na volta, teve que contar as novidades para os colegas, falar sobre o outro mundo que conheceu, sobre a "torre grande" de Paris e detalhar minuciosamente como é es-

tar dentro daquela coisa barulhenta que sobrevoa o céu poeirento de São Sebastião.

Tarefa difícil. Talvez até mais do que escrever as 24 linhas da redação. Joseni tirou de letra. Mas era hora de acordar. A viagem chegara ao fim. A vida se tornou real. São Sebastião, o barraco onde mora com os pais e uma irmã e as dificuldades diárias eram, enfim, a sua vida. Paris ficou para trás. Muito atrás.

ESCÂNDALO

Hoje, Paris está presente na vida do menino em forma de pesadelo. Pior: dentro da própria escola e com os mesmos professores que o incentivaram a participar do concurso. Quatro meses depois da viagem encantada, veio à tona um escândalo.

Os professores da 4ª série, Juarez Pereira, de 22 anos, e Simone Moraes Lima, 25, resolveram colocar a boca no trombone. Acusam que a redação premiada de Joseni, na verdade, foi escrita pelo professor Antônio Damasceno, 35. O garoto apenas teria copiado o texto do professor.

E mais: uma outra aluna da 4ª série, Simone Rodrigues Cunha, de 11 anos, também fizera o mesmo. Como Joseni tinha a letra mais bonita, acabou prevalecendo o texto do menino. Aliás, foi a própria coleguinha de Joseni que começou a espalhar a história na escola.

"Ela foi induzida pelo professor Juarez a contar essa versão", acusa a diretora do Caic, Betty Harley Nunes de Almeida, de 43 anos. "Nunca induzi ninguém. Simone contou o que aconteceu", revida Juarez. O pai de Simone, o vigia Raimundo Sobrinho, de 43 anos, lamenta: "Meteram minha filha nessa história. Isso tudo é politicagem."

O intrigante — e curioso — dessa história toda é que o escândalo do concurso só veio à tona a um mês das eleições para a direção da escola. Duas alas no Caic disputam os novos cargos.

Os professores Juarez e Simone são ferrenhos opositores da diretora Betty Harley e do professor acusado de fazer a redação, Antônio Damas-

Tina Coêlho



Joseni Costa das Neves diz que o professor só mudou algumas palavras e topa o desafio de escrever outra redação para provar que é o autor do texto premiado

ceno — que atualmente ocupa o cargo de assistente de coordenação.

ORIENTAÇÃO

Na guerra pela direção valem todas as farpas. Juarez e Simone dizem — mas não provam — que foi Damasceno quem escreveu a redação para Joseni. Em entrevista exclusiva ao **Correio** na manhã de ontem, o professor Damasceno se defende: "Jamais faria isto. Apenas reestruturei o texto do Joseni, como pontuação e paragrafação. Não mudei a ideia principal, não reescrevi nem o trouxe pronto de casa".

Sobre as expressões utilizadas por Joseni na redação, como "a nossa professora, a facilitadora da apren-

dizagem" — nada usual para um aluno de 3ª série — Damasceno não tituba: "De fato, algumas palavras foram mudadas, mas nada que os alunos não conheçam. Essas expressões nos usamos no dia-a-dia aqui na escola". Em seguida justifica: "Mudei palavras não a essência do texto".

A professora de Joseni, Maria Inês Lopes, de 27 anos, parte em defesa do aluno. "Eu conheço Joseni e ele é um dos meus melhores alunos, com enorme capacidade. O fato de duvidar que ele tenha feito a redação é como se quisesse ratificar a incapacidade de um aluno de classe social inferior em produzir bons textos."

Abatido e acuado diante dos últimos acontecimentos, Joseni anda

triste. Ontem, foi à escola mas voltou mais cedo para casa. "Eu tô muito magoado com tudo isso", desabafa, com expressão assustada. "Eu escrevi a redação. Posso provar isso. Se me mandarem eu faço outra. O professor Damasceno apenas corrigiu os erros e mudou algumas palavras", confirma o garoto.

A mãe de Joseni, a dona-de-casa Isabel Costa lamenta o que está acontecendo com o filho. "Nunca pensei que essa viagem pudesse virar pesadelo. Seria melhor se ele não tivesse participado desse concurso, meu Deus", diz. Depois, em lágrimas, desabafa: "Nós somos pobres, sim, mas somos honrados. Meu filho não faria isso".

Diante do escândalo, A Fundação Educacional abriu sindicância para apurar a veracidade dos fatos. Quem, afinal, fez a redação: o professor ou o aluno? Por que a história só veio à tona depois de quatro meses, extamente quando os professores se preparam para as eleições escolares?

Essas e outras perguntas deverão estar respondidas em 30 dias, quando terminam os trabalhos da comissão. A assessoria da Unesco informou ontem à tarde que a entidade só tomará alguma atitude e se pronunciará em relação ao caso depois que receber os resultados da sindicância da Fundação Educacional.

■ Colaborou Ricardo Mendes